

Novos cenários, ordens mundiais futuras e geocorpografias da alteridade: uma análise crítica do viés etnocêntrico em estudos sobre configurações futuras do mundo

Marcello Messina

Redijo este trabalho a partir da minha experiência híbrida de cidadão italiano, nascido e crescido na Sicília (terra militarmente ocupada pelas bases militares da OTAN e do Departamento de Defesa dos Estados Unidos¹, mas também colônia interna da Itália²), por muitos anos morador do Brasil (Acre e Paraíba), e que atualmente vive na Rússia meridional. Fora do mundo da propaganda Ocidental,³ fora das ortodoxias ditadas pelos pensamentos “democráticos” e “liberais”, a ideia de um mundo que finalmente supere a dita *Pax Americana*, a hegemonia sangrenta e assustadora dos Estados Unidos, parece um sonho compartilhado por muitos povos e nações ao redor do mundo. Ao mesmo tempo, a certeza que esse sonho irá se tornar uma realidade daqui a poucos anos, ou que de fato é já uma realidade, é um assunto comum no contexto do que muitos autores têm chamado de *popular geopolitics*,⁴ ou seja, a reverberação/reformulação da teoria das relações internacionais ao interno da cultura popular, das falas de boteco às canções, até as mídias sociais, etc.

Mas também dentro da disciplina mais propriamente acadêmica das Relações Internacionais, nos últimos 15 anos, muitos trabalhos surgiram sobre as configurações futuras do mundo, o fim da unipolaridade e a ascensão de atores não-ocidentais no cenário internacional. A proposta inicial deste trabalho, é apurar o eu-

1 DI BELLA, Arturo. The Sicilian MUOS ground station conflict: On US geopolitics in the Mediterranean and geographies of resistance. *Geopolitics*, v. 20, n. 2, p. 333-353, 2015.

MESSINA, Marcello. Performance-as-Resistance and Resistance-as-Performance in the NO MUOS Movement in Sicily. *Muiquitã: Revista de Letras e Humanidades*, v. 5, n. 1, 2017.

2 MIGNEMI, Giuseppe. *La questione siciliana: Alla luce delle violazioni al Trattato di Pace con l'Italia, alla Costituzione Italiana, allo Statuto della Regione Siciliana*. Catania: Unione Siciliana, 1980

3 Em trabalhos anteriores, temos amplamente criticado a inconsistência da categoria de Ocidente, mesmo afirmando a sua existência e reconhecendo os enormes prejuízos ligados a ela, cf. MESSINA, Marcello; DI SOMMA, Teresa. Ocidente. In: AL-BUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf (Orgs.). *Uwa'kürü* - dicionário analítico: volume 2, Nepan Editora, pp. 272-286, 2017. Neste momento de mobilização e polarização violenta, entretanto, caiu a ficha, e o Ocidente emerge como um conceito muito menos ambivalente, mais excludente e mais agressivamente demarcado.

4 Veja-se DITTMER, Jason; DODDS, Klaus. Popular geopolitics past and future: Fandom, identities and audiences. *Geopolitics*, v. 13, n. 3, p. 437-457, 2008. Veja-se também SAUNDERS, Robert A.; STRUKOV, Vlad. *Popular Geopolitics*. Oxon; New York: Routledge, 2018. Finalmente, veja-se DI BELLA, op. cit.

rocentrismo implícito em alguns desses textos, especialmente de autores de língua inglesa e, em particular, estadunidenses.

Antes de proceder, é necessário precisar que, não limitadamente aos trabalhos que constituem o corpus deste trabalho, conceitos como “democracia liberal” e “ordem liberal”, associados quase exclusivamente a países ocidentais, são tratados muito frequentemente como a priori inegáveis, com pouca ou nenhuma explicação sobre o que essas palavras realmente significam. Isso permite ressignificar implicitamente todos os atores que são considerados “não-ocidentais”⁵ também como anti-democráticos, illiberais, etc. Aqui reconhece-se exatamente o que Higgott & Reich, hoje em dia, chamam criticamente de “posição Bidenesca”, ou seja, uma postura que “retrata uma batalha entre democracia e autocracia, embora ignore convenientemente dois fatos”: primeiro, “que alguns membros da OTAN agem de forma antidemocrática”, e segundo, “que algumas democracias (como a Índia) não estão dispostas a se posicionar inequivocamente como aliadas dos EUA.”⁶

Neste trabalho, recorro à análise crítica do discurso para avaliar a justaposição entre a categoria obscura de “democracia liberal” e os epítetos usados para descrever líderes de governo em países não ocidentais em ascensão, avaliando também o papel das caracterizações regionais e étnico-raciais na a formulação desses epítetos. Minha atenção, neste trabalho, será limitada a dois importantes trabalhos da primeira metade da década de 2010, a dizer, o livro *No One's World* de Charles A. Kupchan⁷ e o artigo *The Illusion of Geopolitics: The Enduring Power of the Liberal Order* de G. John Ikenberry.⁸ As datas dessas duas publicações são importantes em vista da argumentação que irei propor na parte final do presente trabalho, já que coincidem com o primeiro mandato presidencial de Dilma Rousseff no Brasil, e precedem o importante discurso da mesma na 69^o Assembléia Geral da ONU, em setembro de 2014, em Nova Iorque. Esse discurso de Dilma vai ser contraposto aos trabalhos mencionados acima, em particular ao livro de Kupchan.

Contrapor e comparar diferentes textos é uma tarefa que requer extrema cautela: ao mesmo tempo em que se critica uns, corre-se o risco de considerar os outros como verdades absolutas, subestimando a carga ideológica que permeia cada

5 Sobre os problemas relacionados à demarcação arbitrária entre o Ocidente e o resto do mundo, veja-se HALL, S. *The West and the Rest: Discourse and power*. In: HALL, Stuart; HELD, David; HUBERT, Don; THOMPSON, Kenneth (Orgs.). **Modernity: An Introduction to Modern Societies**. Oxford: Blackwell Publishers, 1996, pp. 184-227. Veja-se também MESSINA e DI SOMMA, op. cit.

6 “The first is a more liberal Bidenesque position. It depicts a battle between democracy and autocracy, albeit one that conveniently ignores two facts: that some NATO members do not operate democratically (Hungary, Poland and Turkey); and some democratic states (India) are unwilling to unequivocally position themselves as US allies, illustrated by the refusal of many democracies to support transatlantic condemnation of Russia at the United Nations nor participate in the imposition of sanctions (including Brazil and Mexico)” HIGGOTT, Richard; REICH, Simon. *The age of fuzzy bifurcation: Lessons from the pandemic and the Ukraine War*. **Global Policy**, 2022.

7 KUPCHAN, Charles. **No one's world: The West, the rising rest, and the coming global turn**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2012.

8 IKENBERRY, G. John. *The illusion of geopolitics: The enduring power of the liberal order*. **Foreign Affairs**, v. 93, p. 80, 2014.

discurso. Fairclough nos explica que o discurso é totalmente pervadido por “proposições implícitas de carácter ideológico”.⁹ Wodak argumenta que “a estrutura do discurso é determinada pela relação de dominação”¹⁰ e “que as estruturas de dominação são legisladas pelas ideologias dos grupos de poder”.¹¹

Mas de que poder estamos falando exatamente aqui? Nair afirma que “o pós-colonialismo chamou especificamente a atenção para o fato da teoria das Relações Internacionais negligenciar as interseções críticas de império, raça/etnia, gênero e classe (entre outros fatores) no funcionamento do poder global que reproduz Relações Internacionais hierárquicas”¹² e também que “os discursos – principalmente o que é escrito ou dito – representaram estados e povos não-ocidentais como ‘outros’ ou diferentes do Ocidente, geralmente de uma maneira que os fazia parecer inferiores”.¹³ No mesmo sentido, Joseph Pugliese, em 2007, cunhou o conceito de “geocorpografia”, que descreve a interação discursiva entre os corpos humanos e as representações geopolíticas associadas a eles.¹⁴ Em geral, as obras de Pugliese são inteiramente atravessadas por uma tentativa de encontrar uma conexão entre o direito, o estado, a legislação e a soberania e supremacia do sujeito eurodescendente no quadro do estado moderno.

NO ONE’S WORLD DE KUPCHAN

O volume *No One’s World: The West, the Rising Rest, and the Coming Global Turn*¹⁵ é de autoria de Charles Kupchan, professor de assuntos internacionais na Universidade de Georgetown, nos EUA. *No One’s World* se tornou um clássico da literatura sobre o mundo multipolar que está se configurando. As análises contidas nesse livro são frequentemente precisas e dignas de atenção. Por exemplo, o capítulo sobre o iminente “*Rise of the Rest*” [“a ascensão do resto”] embasa muito bem o previsível fim do primado econômico dos EUA e as mudanças possíveis em termos de equilíbrios entre as forças militares.

Kupchan, entretanto, não faz questão de omitir as próprias preocupações em relação às consequências dessa nova configuração mundial sobre a hegemonia do Ocidente:

9 “implicit propositions of an ideological character are pervasive in discourse” FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis: the critical study of language**. Londres; Nova Iorque: Longman, 1995.

10 “строение дискурса определено отношением доминирования” [“stroenie diskursa opredeleno otnošeniem dominirovaniia”]. WODAK, Ruth. [ВОДАК, Рут]. *Kritičeskaja lingvistika i kritičeskij analiz diskursa*. [Критическая лингвистика и критический анализ дискурса]. **Političeskaja lingvistika** [Политическая лингвистика], v. 4, n. 38, p. 286, 2011.

11 “структуры доминирования законодательно закрепляются идеологиями групп, имеющих власть” [“strukтуры dominirovaniia zakonodatel’no zakrepljajutsja ideologijami grupp, imejuših vlast”]. *Ibid.*, p. 286.

12 “Postcolonialism has specifically drawn attention to IR theory’s neglect of the critical intersections of empire, race/ethnicity, gender and class (among other factors) in the workings of global power that reproduce a hierarchical IR”. NAIR, Sheila. *Postcolonialism*. In: S. McGlinchey, R. Walters & C. Scheinplug (orgs.) **International Relations Theory**, Bristol: E-International Relations, 2017, p. 69.

13 “Discourses – primarily things that are written or spoken – constructed non-Western states and peoples as ‘other’ or different to the West, usually in a way that made them appear to be inferior”. *Ibid.*, p. 69.

14 PUGLIESE, Joseph. Geocorpographies of torture. **ACRAWSA E-journal**, v. 3, n. 1, 2007.

15 KUPCHAN, op. cit.

Autocratas na China, Rússia e Golfo Pérsico; teocratas no Oriente Médio; fortalhões na África; populistas na América Latina – esses regimes desafiam a universalidade do modelo ocidental e não são apenas estações intermediárias no caminho para a democracia liberal, o capitalismo industrial e o nacionalismo secular. A durabilidade dessas abordagens não-ocidentais à governança garantirá a diversidade política à medida que as potências emergentes crescem.¹⁶

O que inicialmente chama minha atenção aqui é a semelhança monolítica do “modelo ocidental” contra as diferenças detalhadas das “abordagens não-ocidentais à governança”: “autocratas”, “teocratas”, “fortalhões” e “populistas”. Lembro aqui do famosíssimo *incipit* do romance *Anna Kariênina* de Liev Tolstói: “Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira”.¹⁷ Fora do tom sarcástico da referência literária, existe um paralelismo entre a frase de Tolstói e uma tendência comum nas narrativas Ocidentais sobre o outro: o grupo dominante é tido como imutável referência universal, escondendo as suas divisões, marcações e particularidades, enquanto os outros são frequentemente caracterizados a partir de uma particularidade local, de algo estranho, singular e até bizarro que os distingue do resto, em outras palavras, de estereótipos racializados; a dominação do Ocidente [dos europeus, euro-descendentes, brancos, etc.] é baseada num duplo movimento que prevê a imposição da própria superioridade e ao mesmo tempo a conveniente elisão dos mecanismos que permitem e perpetuam essa mesma imposição. Enquanto os países democráticos e liberais, no discurso de Kupchan, aproveitam das suas condições naturalizadas de primeirinhos da turma (como se essas fossem um atestado de mérito e não o produto de séculos de pilhagem e genocídios), os outros são prisioneiros das suas próprias identidades desviadas, inferiores e suspeitas.

E, claro, essas diferenças entre “autocratas”, “teocratas”, “fortalhões” e “populistas” seguem de maneira muito precisas caracterizações estereotipadas de identidades regionais e étnicas. Tem-se a impressão de que o texto de Kupchan trate de imagens preestabelecidas específicas, por exemplo, sobre sujeitos africanos ou latino-americanos. No entendimento de Joseph Pugliese, “o corpo, em qualquer de suas manifestações, está sempre geopoliticamente localizado e graficamente inscrito com signos, discursos, modos de visualidade etc. Suas marcas geopolíticas só podem ser abstraídas por meio de violência simbólica e política”.¹⁸

Assim, usando o termo “geocorpografia” cunhado por Pugliese, parece ter se materializado a geocorpografia, por exemplo, de um líder “populista” latino-ame-

16 “Autocrats in China, Russia, and the Persian Gulf; theocrats in the Middle East; strongmen in Africa; populists in Latin America—these regimes challenge the universality of the Western model and are not just way stations on the path to liberal democracy, industrial capitalism, and secular nationalism. The durability of these non-Western approaches to governance will ensure political diversity as emerging powers rise”. KUPCHAN, op. cit., p. 11.

17 TOLSTÓI, Liev. *Anna Kariênina*. Trad. FIGUEIREDO, Rubens. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

18 “the body, in any of its manifestations, is always geopolitically situated and graphically inscribed by signs, discourses, regimes of visibility and so on. Its geopolitical markings can only be abstracted through a process of symbolic and political violence”. PUGLIESE, op. cit., p. 12.

ricano, de um “teocrata” medioriental, ou de um líder “fortalhaço” africano. Essas caracterizações geocorpográficas, como mencionado acima, parecem influenciadas por uma série de imagens e estereótipos preexistentes, assim que torna-se difícil destrinchar, por exemplo, a caracterização do “fortalhaço” africano da eterna representação dos sujeitos negros como ameaças físicas, ou como seres corporalmente e sexualmente imponentes.¹⁹ Da mesma maneira, não é difícil imaginar uma associação entre os “teocratas” mediorientais e o vasto repositório de estereótipos islamofóbicos atribuem necessariamente aos muçulmanos consciências e comportamentos caracterizados por um irreduzível fanatismo religioso.²⁰

Quando, a partir das categorias racistas com as quais o Ocidente vê o resto do mundo, resulta difícil encaixar inteiras regiões através de estereótipos étnico-raciais homogêneos e abrangentes, o texto de Kupchan parece utilizar estereótipos referentes à cultura política: dessa maneira, se materializam os “autocratas” da Rússia e da China, e os “populistas” da América Latina. No primeiro caso, é impossível separar a avaliação política de Kupchan de uma série de sentimentos longamente latentes no Ocidente, quais a russofobia, a sinofobia, e claramente o anticomunismo.²¹ Quanto aos “populistas” da América Latina, vou aprofundar brevemente a minha discussão desse estereótipo na parte final deste escrito.

Vale ressaltar que, usando a mesma violência simbólica, Kupchan fala constantemente sobre “regimes” simplesmente quando se refere a “abordagens não-ocidentais de governança” e fala sobre “modelos” quando se refere ao Ocidente. No livro, a palavra “regime(s)” aparece 34 vezes, cada vez referindo-se a atores não-ocidentais.

DIVERSIDADE POLÍTICA

Na obra de Kupchan, a formulação do conceito de “diversidade política”, já vista na citação acima, é suportada ulteriormente, poucos parágrafos abaixo:

Igualar a legitimidade à governança responsável e não apenas à democracia liberal, tolerar a diversidade política e ideológica, equilibrar a governança global e a devolução de poderes às autoridades regionais, moldar um tipo de capitalismo mais regula-

19 FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** (R. Silveira, Trad.). Salvador, BA: EDUFBA, 2008; HOLBROOK, Colin; FESSLER, Daniel MT; NAVARRETE, Carlos David. Looming large in others’ eyes: Racial stereotypes illuminate dual adaptations for representing threat versus prestige as physical size. **Evolution and Human Behavior**, v. 37, n. 1, p. 67-78, 2016.

20 SAID, Edward. **Orientalismo**, São Paulo: Companhia das Letras. 1990; HUSAIN, Altaf. Islamophobia. In: **Encyclopedia of Social Work**. 2015.

21 Em um período extremamente turbulento como 2022, esses sentimentos voltaram plenamente em auge, com a exacerbação do conflito em Donbass e Ucrânia, depois da pandemia de COVID-19, e no contexto da escalada de tensões entre a OTAN, por um lado, e a Rússia e a China, por outro lado. Sobre o surto de sinofobia que se desencadeou globalmente a partir da pandemia, vejam-se ZHANG, Yunpeng; XU, Fang. Ignorance, orientalism and sinophobia in knowledge production on COVID-19. **Tijdschrift voor economische en sociale geografie**, v. 111, n. 3, p. 211-223, 2020. Veja-se também GAO, Zhipeng. Sinophobia during the Covid-19 pandemic: Identity, belonging, and international politics. **Integrative Psychological and Behavioral Science**, v. 56, n. 2, p. 472-490, 2022. Sobre a russofobia, veja-se DIESEN, Glenn. **Russophobia: Propaganda in International Politics**. Palgrave Macmillan: Singapore. 2022. Veja-se também e WELLS, Audrey. Russophobia: The Ukraine Conflict, the Skripal Affair. In: WELLS, AUDREY. **The Importance of Forgiveness and the Futility of Revenge**. Springer, Cham, 2022. p. 55-64.

do e centrado no Estado – esses são os tipos de princípios a partir dos quais uma nova ordem pode tomar forma.²²

Evidenciando uma consciência essencialmente etnocêntrica e eurocêntrica, o conceito de “diversidade” aqui surge como um chavão “politicamente correto”²³ que, sob o pretexto hipócrita do pluralismo e da inclusão, sinaliza coexistência com, e/ou tolerância para, entidades tidas como inferiores e indesejáveis.

Como tal, a “diversidade” não é – como deveria ser – a condição mais óbvia para a convivência, especialmente quando se trata dos seres humanos e das suas formas de organização coletiva, mas sim um evento acidental, indesejável, ao qual o Ocidente terá que se adaptar, de má vontade e com o coração pesado, porque é a única perspectiva possível.

Aqui provavelmente não é tanto uma questão do Kupchan estar utilizando o termo de forma imprópria, ele não entendeu mal o termo “diversidade”, pelo menos em relação ao uso comum da palavra: pelo contrário, esse uso “sincero” do termo revela aspectos sinistros e, presumivelmente, amplamente compartilhados do conceito, que desmascaram a fachada enganosa e hipócrita construída através de “palavrinhas mágicas” como inclusão, pluralismo, anti-racismo, etc., palavras usadas desse jeito vazio e falsamente redentivo em vastos segmentos da sociedade estadunidense e das sociedades ocidentais em geral.

Em outras palavras, aqui Kupchan nos ensina (involuntariamente) que quem promove a “diversidade” (dos papos de boteco até as declarações oficiais das instituições) não está necessariamente lutando para acabar com a supremacia global dos euro-descendentes, para quebrar o racismo estrutural que está incorporado nas instituições e nos seus aparatos normativos, etc.: quem fala em “diversidade” pode simplesmente querer dizer que “agora, infelizmente, a gente tem que aguentar essa galera, mesmo que eles sejam tão feios, nojentos, espantosos, etc.”.

Outrossim, o discurso de Kupchan contrapõe a ideia de diversidade política com a ideia de universalidade, ou melhor, “a universalidade do modelo ocidental”, desafiada justamente pelos vários “regimes” que constituem a base da futura “diversidade política e ideológica” a ser “tolerada”.²⁴ Aqui é evidente a utilização de um dos conceitos fundamentais da mentalidade colonial, a dizer, o conceito de

22 “Equating legitimacy with responsible governance rather than liberal democracy, tolerating political and ideological diversity, balancing between global governance and devolution to regional authorities, fashioning a more regulated and state-centric brand of capitalism - these are the types of principles around which a new order is likely to take shape”. KUPCHAN, op. cit., pp. 11-12

23 Em relação a essa expressão, quero repetir e confirmar a minha militância em prol de usos não discriminatórios e não opressivos da linguagem verbal e das outras ordens simbólicas. Entretanto, o “politicamente correto” alvo das minhas críticas aqui se refere a um uso hipócrita e impositivo de eufemismos, cujo objetivo não é primeiramente perseguir de fato a igualdade e a justiça social, mas sim redimir simbolicamente os grupos dominantes da sociedade face às iniquidades que os privilégios desses mesmos grupos alimentam.

24 KUPCHAN, op. cit., pp. 11-12.

universalidade europeia ou ocidental, em contraste com a particularidade e perifericidade de tudo o que não é ocidental.²⁵

E isso confirma o fato já mencionado de que a democracia liberal ocidental é narrada como um único bloco feliz, ordenado e moralmente superior, enquanto os atores não-ocidentais são todos diferentes um do outro, em função de suas particularidades regionais, culturais e étnicas — o que torna eles iguais é o fato de serem considerados uma ameaça pelo Ocidente. A propósito disso, algumas semanas antes da redação do presente texto, o vice-presidente da Comissão Europeia, Josep Borrell, verbalizou essa percepção eurocêntrica e colonialista, comparando a Europa a um “jardim” que tem que ser defendido do resto do mundo, que “é uma selva [*jungle*]”:

A Europa é um jardim. Construimos um jardim. É a melhor combinação de liberdade política, prosperidade económica e coesão social que a humanidade já construiu. [...] A maioria do resto do mundo é uma selva, e a selva pode invadir o jardim. Os jardineiros devem cuidar dele, mas não vão proteger o jardim construindo muros. Um pequeno jardim rodeado por muros altos para impedir a selva de entrar não é uma solução, porque a selva tem uma capacidade de crescimento forte e o muro nunca será alto o suficiente [...] os jardineiros devem ir à selva [...] os europeus devem interagir muito mais com o resto do mundo, senão o resto do mundo invade-nos, de uma forma ou de outra.²⁶

Vista do nosso olhar de pessoas ligadas à Amazônia, a menção da “selva” a ser alcançada e controlada pelos “jardineiros” europeus sintetiza e retoma séculos de relatos racistas e eurocêntricos, associados também a intervenções predatórias, genocídios, destruição, deslocamentos e pilhagens. Caiu a ficha, e a Europa “democrática e boazinha” agora reivindica com força o seu legado colonial, o seu autoproclamado direito à violência aniquiladora contra “a maioria do resto do mundo”.²⁷ A hipócrita observação de Borrell sobre o “muro” que “nunca será alto o suficiente” parece vislumbrar uma mudança de paradigma importante: acabou, pelo menos nominalmente, a “Fortaleza Europa”²⁸ que abre as suas fronteiras internas enquanto fecha violentamente as suas fronteiras externas, ao custo de deixar mor-

25 QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (coord.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005; MIG-NOLO, Walter D. Epistemic disobedience, independent thought and decolonial freedom. **Theory, culture & society**, v. 26, n. 7-8, p. 159-181, 2009.

26 Esta é uma tradução em português do discurso de Borrell, aparecida no artigo de CARVALHO, Hélio. “A Europa é um jardim. O resto do mundo é maioritariamente uma selva”: A comparação feita por Josep Borrell suscitou muitas críticas nas redes sociais, acusando o diplomata europeu de ter um discurso colonialista. **Notícias ao Minuto**, 16/10/2022. Disponível em: <<https://bit.ly/3fITy1h>>. Acesso em: 7 nov. 2022.

27 É importante notar que o discurso de Borrell é pronunciado principalmente como comentário a respeito do conflito em Donbass e Ucrânia. Agora, declarando firmemente a minha esperança para negociações de paz que ponham logo um fim à guerra, posso dizer que esse evento trágico tem o triste mérito — especialmente na sua fase atual inaugurada pela operação militar especial da Rússia em fevereiro de 2022 — de ter revelado de maneira gritante a verdadeira cara dessa Europa, que prega a democracia e o liberalismo enquanto promove a xenofobia (na forma de uma russofobia violenta e gritante), destrói monumentos, censura culturas alheias e alimenta a guerra enviando quantidades enormes de armas para a Ucrânia.

28 Sobre a noção de “Fortaleza Europa” na sua acepção contemporânea (não relacionada à Segunda Guerra Mundial), veja-se VAN AVERMAET, P. 2009. “Fortress Europe? Language Policy Regimes for Immigration and Citizenship.” In G. Hogan-Burn, C. Mar-Molinero, and P. Stevenson (orgs.), **Discourses on Language and Integration**, pp. 15–44. Amsterdam: John Benjamins.

rer milhares de migrantes no Mediterrâneo; agora temos o “Jardim Europa” que precisa enviar seus “jardineiros”, ou melhor, seus jagunços, para os quatro cantos do mundo, espalhando morte, miséria e destruição para conter a “selva”.

Voltando ao livro *No One's World*, não seria um imaginário parecido ao de Borrell que permite ao Kupchan falar de “diversidade política” em tom resignado e pessimístico? Não seria exatamente essa coexistência entre a “selva” e o “jardim” que preocupa ele? Pelo menos, porém, é justo notar que Kupchan mantém ainda um tom mais respeitoso, se comparado com a fala violentamente neocolonial de Borrell.

THE ILLUSION OF GEOPOLITICS DE IKENBERRY

No discurso colonial, o conceito de universalidade é frequentemente associado ao conceito de “modernidade”. Enrique Dussel diz que ambos esses conceitos são usados como justificativas operacionais para a situação de dominação em curso e a legitimação do uso irracional da violência contra a população dominada. Dussel fala precisamente do “mito da modernidade”, em relação a essa “justificativa de uma práxis irracional de violência”.²⁹ O uso acríptico desses dois conceitos de “universalidade” e “modernidade” é evidente no artigo *The Illusion of Geopolitics: The Enduring Power of the Liberal Order*,³⁰ de G. John Ikenberry, professor de política e assuntos internacionais na Universidade de Princeton, nos EUA.

Como é notório, a posição de Ikenberry, frequentemente criticada,³¹ se baseia na persistência futura da ordem ocidental, sustentada por uma série de alianças, pela confiança no Ocidente, e pelo *soft power* estadunidense:

Em última análise, mesmo que a China e a Rússia tentem contestar os termos básicos da atual ordem global, a aventura será assustadora e autodestrutiva. Esses poderes não estão apenas contra os Estados Unidos; eles também teriam que lutar com a ordem mais globalmente organizada e profundamente entrincheirada que o mundo já viu, uma que é dominada por estados que são liberais, capitalistas e democráticos. Esta ordem é apoiada por uma rede liderada pelos EUA de alianças, instituições, negociações geopolíticas, estados clientes e parcerias democráticas.³²

O interessante, já a partir das palavras citadas acima, é notar como a correspondência entre a ordem dos estados “liberais, capitalistas e democráticos” e a sugestão velada da violência emerge através de metáforas de guerra e conflito: a ordem mundial vigente, por exemplo, é, como visto acima, “profundamente entrin-

29 DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo In: LANDER, Edgardo (coord.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 30.

30 IKENBERRY, op. cit.

31 Embora *No One's World* seja anterior ao artigo discutido aqui, o mesmo Kupchan critica a postura geral de Ikenberry no seu livro: veja-se KUPCHAN, op. cit., p. 4.

32 “Ultimately, even if China and Russia do attempt to contest the basic terms of the current global order, the adventure will be daunting and self-defeating. These powers aren't just up against the United States; they would also have to contend with the most globally organized and deeply entrenched order the world has ever seen, one that is dominated by states that are liberal, capitalist, and democratic. This order is backed by a U.S.-led network of alliances, institutions, geopolitical bargains, client states, and democratic partnerships”. IKENBERRY, op. cit., p. 8.

cheirada” [*deeply entrenched*],³³ enquanto o mesmo “Ocidente rastejou mais perto das [*has crept closer to*] fronteiras da Rússia”.³⁴

Por um lado, a linguagem figurada de Ikenberry não é caracterizada pelo uso de frases incomuns dentro da língua inglesa, já que *creep close* e, sobretudo, *entrenched*, são expressões usadas comumente em inglês fora do léxico da emboscada e da guerra de posição. Por outro lado, essas palavras possuem conotações bélicas inconfundíveis, e, mais importante ainda, estabelecem, uma com a outra, correspondências e conexões incontestáveis ao longo do texto.

Assim, o entrincheiramento da ordem liberal se conecta ao Ocidente que rastejou perto da Rússia, enquanto essas duas imagens complementam também a afirmação que “a democracia está cercando a China”.³⁵

O fato que aqui conceitos bem intencionados e até idílicos como democracia e liberalismo sejam frequentemente associados a imagens de uma batalha posicional, com uma promessa implícita de desdobramento da violência, não expõe simplesmente os artifícios da escrita de Ikenberry, mas principalmente aponta uma contradição fundamental dentro da concepção liberal das Relações Internacionais: a ordem liberal e democrática, por um lado, repudia a guerra e o militarismo, enquanto, por outro lado, admite de fato a possibilidade que autodeclaradas “democracias” (especialmente, os EUA) possam agredir, invadir e destruir países vistos como “não-democráticos”.³⁶

Na primeira década deste século, uma famosa tirinha cômica, desenhada pelo ilustrador venezuelano Pancho, mostrava a perna de um soldado com a bota que pisava na cabeça de um homem bigodudo (presumivelmente um sujeito médio-oriental) — no balão, se podia ler a frase do soldado: “repita, de-mo-cra-ci-a!”.³⁷ Essa tirinha sintetiza perfeitamente, tanto a contradição dessa suposta ordem liberal, quanto a violência implícita na concepção de Ikenberry.

PROPOSTA DE TRABALHO

A menção dos “populistas” latinoamericanos encontrada no trabalho de Kupchan me faz pensar que em 2012, quando *No One’s World* foi publicado, Hugo Chávez era ainda vivo, enquanto Evo Morales era o presidente da Bolívia, e tínhamos ainda Rafael Correa no Equador, Cristina Kirchner na Argentina e Pepe Mujica no Uruguai. No Brasil, Dilma Rousseff estava no meio do seu primeiro mandato presidencial. Essa era, com muita certeza, uma das épocas mais expressivas no contexto da soberania da macrorregião sul-americana, atestada também pela

33 Ibidem, p. 8.

34 “Over the last two decades, the West has crept closer to Russia’s borders.”. Ibid., p. 5.

35 “Democracy is encircling China, too”. Ibid., p. 5.

36 MEISER, Jeffrey W. Liberalism. In: S. McGlinchey, R. Walters & C. Scheinplug (orgs.) *International Relations Theory*, Bristol: E-International Relations, 2017, p. 23.

37 “Répétez, dé-mo-cra-tie” A tirinha segue disponível em: <<https://bit.ly/3UBs1xz>>. Acesso em: 7 nov. 2022.

criação de várias organizações de cooperação regional como UNASUL, ALBA e CELAC.³⁸ As palavras de Kupchan, nesse sentido, são eloquentes:

A América Latina seguiu seu próprio caminho de desenvolvimento socioeconômico e está criando a sua própria versão de modernidade. O resultado é um populismo de esquerda que atende a uma subclasse há muito tempo excluída da riqueza e do poder político e que explora a corrente oculta do sentimento antiamericano que há muito tempo anima a política da região. Esse populismo, embora não tão distante de um tipo europeu de social-democracia, deixa grande parte da América Latina inquieta com a perspectiva de universalização da ordem ocidental, contrária à ideologia de livre mercado do Consenso de Washington e predisposta a um alinhamento geopolítico que inclina-se mais para o mundo em desenvolvimento do que para as democracias atlânticas.³⁹

Com certeza, uma América Latina tendencialmente socialista e soberana não era bem-vista pelos EUA, e não é por acaso que, logo depois desse momento de “populismo de esquerda”, os anos seguintes foram caracterizados pela dita maré azul, a onda conservadora que interessou a maioria dos países sudamericanos a partir de 2015.⁴⁰ A escrita de Kupchan em relação ao “populismo de esquerda” latinoamericanos certamente responde à necessidade do autor de expressar um certo dissenso contra aquele tipo de configuração regional. Agora, é importante ressaltar que Kupchan expressa esse seu dissenso aproveitando do que Jansen descreve como um “estereótipo romântico da cultura política latinoamericana”.⁴¹ Na narrativa de Kupchan, a esse estereótipo é contraposto outro estereótipo, ou seja, uma “universalização da ordem ocidental” que segue a “ideologia de livre mercado do Consenso de Washington”.⁴²

Em setembro de 2014, Dilma Rousseff apresentou, em seu discurso dentro da 69ª Assembleia Geral das Nações Unidas, um relato dos avanços do Brasil nos precedentes doze anos.⁴³ Aqui estou totalmente consciente do status político desse discurso, das suas necessidades em termos propagandísticos,⁴⁴ e do fato que, ao final das contas, cada texto é parcial, satisfaz determinadas agendas ideológicas e

38 SANAHUJA, José Antonio. Post-liberal regionalism in South America: the case of UNASUR. **RSCAS Working Papers No. 2012/05**, European University Institute, Florença, 2012.

39 “Latin America has followed its own path of socioeconomic development and is forging its own version of modernity. The result is a left-wing populism that caters to an underclass long excluded from wealth and political power and that taps into the undercurrent of anti-American sentiment that has long animated the region’s politics. This populism, although not that distant from a European brand of social democracy, leaves much of Latin America uneasy with the prospect of universalizing the Western order, opposed to the free-market ideology of the Washington Consensus, and predisposed to a geopolitical alignment that tilts toward the developing world more than the Atlantic democracies”. KUPCHAN, op. cit., p. 133.

40 ZUCATTO, Giovana Esther. A ascensão da direita na América do Sul. **Boletim OPSA**, n. 1, p. 6-14, 2019.

41 “romantic stereotype of Latin American political culture”. JANSEN, Robert S. Populist mobilization: A new theoretical approach to populism. **Sociological theory**, v. 29, n. 2, 2011, p. 75.

42 KUPCHAN, op. cit., p. 133. Sobre o Consenso de Washington, veja-se WILLIAMSON, John. A short history of the Washington Consensus. **Law & Business Review of the Americas**, v. 15, n. 1, p. 7-23, 2009.

43 ROUSSEFF, Dilma. **Speech on the occasion of the General Debate of the 69th General Assembly of the United Nations**. Nova Iorque, September 24th, 2014.

44 Veja-se PIMENTEL, Pedro Chapaval; PANKE, Luciana. Dilma Rousseff na Assembleia Geral das Nações Unidas: Análise dos Discursos de 2011 e 2015. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. 2016.

não representa uma fonte de verdades absolutas. Entretanto, é útil repassar aqui alguns dos dados apresentados por Dilma, sobre o então recente anúncio da FAO de que “o Brasil não está mais no Mapa Mundial da Fome”⁴⁵, sobre as “políticas econômicas que geraram 21 milhões de empregos e valorizaram o salário mínimo, aumentando seu poder aquisitivo em 71% nos últimos doze anos”⁴⁶, sobre os “trinta e seis milhões de brasileiros [que] foram retirados da extrema pobreza desde 2003”⁴⁷, e ainda sobre a redução da mortalidade infantil, o acesso à educação primária, profissional e superior, o fortalecimento do setor científico, etc.⁴⁸

Kupchan admite que, já durante o primeiro mandato presidencial de Lula, por exemplo, “a taxa de pobreza no Brasil caiu de mais de 25%”⁴⁹, mas vê essas mudanças, tanto no Brasil quanto na América Latina, apenas como um ulterior incentivo para a “continuação, ou até a intensificação, do populismo”.⁵⁰ De maneira muito interessante, Kupchan imagina o futuro imediato como algo totalmente caracterizado por essa amplificação de um “populismo de esquerda entrenchado”,⁵¹ talvez ignorando as premissas políticas, culturais e sociais que levaram à já mencionada maré azul, algo que caracterizou fortemente a realidade política da região na última década, e que está sendo revertido só a partir dos últimos anos — nesse contexto, a recentíssima vitória eleitoral de Lula em 30 de outubro de 2022 é um marco histórico importantíssimo. Em outras palavras, talvez a previsão de Kupchan sobre a persistência, “ao longo desse século”,⁵² de políticas de esquerda na América Latina seja em geral correta, mas certamente ignora a possibilidade de períodos prolongados de conservadorismo⁵³ como aquele que acaba de terminar nos mesmos dias em que escrevo, e que provavelmente mereceria mais preocupação daquela que Kupchan reserva para o “populismo de esquerda”.⁵⁴

Mas voltando às estatísticas apresentadas por Dilma em 2014 sobre os avanços incríveis na condição da população brasileira, haveria ainda um outro alvo

45 “Brazil is no longer in the World Hunger Map”. ROUSSEFF, op. cit.

46 “economic policies which generated 21 million jobs and appreciated the minimum wage, increasing its purchasing power by 71% in the last twelve years”. ROUSSEFF, op. cit.

47 “Thirty six million Brazilians have been lifted out of extreme poverty since 2003”. ROUSSEFF, op. cit.

48 ROUSSEFF, op. cit.

49 “During Lula’s first term in office, the poverty rate in Brazil fell by over twenty-five percent”. KUPCHAN, op. cit., p. 137.

50 “the continuation, if not the intensification, of populism”. KUPCHAN, op. cit., p. 137.

51 “entrenched left-wing populism”. KUPCHAN, op. cit., p. 141.

52 “as this century unfolds”. KUPCHAN, op. cit., p. 141.

53 Estudos bastante precoces sobre a formação histórica desse fenômeno existem: veja-se o artigo de Koivumaeki sobre El Salvador, KOIVUMAEKI, Riitta-Ilona. Business, economic experts, and conservative party building in Latin America: The case of El Salvador. *Journal of Politics in Latin America*, v. 2, n. 1, p. 79-106, 2010. Veja-se também LUNA, Juan Pablo; KALTWASSER, Cristóbal Rovira (Ed.). *The resilience of the Latin American right*. JHU Press, 2014. Veja-se enfim LOXTON, James Ivor. *Authoritarian inheritance and conservative party-building in Latin America*. 2014. Tese de Doutorado. Harvard University.

54 Sobre o processo de desmantelamento da democracia no Brasil de Bolsonaro, veja-se MILHORANCE, Carolina. Policy dismantling and democratic regression in Brazil under Bolsonaro: Coalition politics, ideas, and underlying discourses. *Review of Policy Research*, 2022. Sobre o efeito catastrófico da onda conservadora na América Latina no campo dos direitos humanos, veja-se CONTESSÉ, Jorge. Conservative governments and Latin America’s human rights landscape. *American Journal of International Law*, v. 113, p. 375-379, 2019.

possível das preocupações de Kupchan, ou seja, a catastrófica insustentabilidade de um mundo que ainda permaneça longamente ancorado à unipolaridade estadunidense. Em outras palavras, o “avanço do resto”, do mundo não-ocidental, muito antes de poder representar uma situação indesejável a ser aguentada, é uma exigência humanitária urgente e categórica. E em vista disso, será que talvez, o que preocupa de fato Kupchan (e os outros) não seja a coexistência entre o mundo liberal-democrático e modelos políticos diferentes, mas sim a perda dos privilégios dos quais o Ocidente goza há cinco séculos?⁵⁵

RECAPITULAÇÃO FINAL

Neste trabalho, após analisar dois textos de J. John Ikenberry e Charles A. Kupchan, observei a maneira em que significantes como “democracia”, “universalidade” e “diversidade” são usados para obscurecer as imagens altamente polarizadas pelas quais aparentes julgamentos de valor são atribuídos a traçar uma fronteira clara entre o “bom” e o “mau” ou o “superior” e o “inferior”. Quando isso acontece em conexão com a caracterização etno-regional de atores internacionais e com o uso de epítetos estereotipados em relação a líderes de países não-ocidentais, estamos lidando mais com geocorpografia do que com geopolítica. E isso claramente não se limita aos livros acadêmicos.

Sucessivamente, propus um diálogo entre a preocupação de Kupchan para o avanço do “populismo de esquerda” na América Latina e a fala de Dilma Rousseff na ONU em 2014, em que os avanços do Brasil em termos de desenvolvimento humano e erradicação da fome e da pobreza são evidenciados claramente. Tentei argumentar que o caso brasileiro (limitadamente aos anos 2002-2016) demonstra que um mundo multipolar caracterizado pela prosperidade de países não-ocidentais, com as suas formas diferentes de governo, não é um fato preocupante a ser aguentado, mas sim uma urgência humanitária após séculos de dominação/pilhagem europeia e norteamericana. Talvez não estejamos à beira de uma época finalmente decolonial, mas certamente o fim da unipolaridade estadunidense é um passo crucial nesse sentido.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Hélio. “A Europa é um jardim. O resto do mundo é majoritariamente uma selva”: A comparação feita por Josep Borrell suscitou muitas críticas nas redes sociais, acusando o diplomata europeu de ter um discurso colonialista. **Notícias ao Minuto**, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3fITy1h>. Acesso em: 7 nov. 2022.
- CONTESSA, Jorge. Conservative governments and Latin America’s human rights landscape. **American Journal of International Law**, v. 113, p. 375-379, 2019. DI BELLA, Arturo. The Sicilian MUOS ground station conflict: On US geopolitics in the Mediterranean and geographies of resistance. **Geopolitics**, v. 20, n. 2, p. 333-353, 2015.
- DIESEN, Glenn. **Russophobia: Propaganda in International Politics**. Palgrave Macmillan: Singapore. 2022.
- DITTMER, Jason; DODDS, Klaus. Popular geopolitics past and future: Fandom, identities and audiences. **Geopolitics**, v. 13, n. 3, p. 437-457, 2008.
- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo In: LANDER, Edgardo (coord.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

55 Para uma cronologia da colonialidade, veja-se DUSSEL, op. cit.

- FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis: the critical study of language**. Londres; Nova Iorque: Longman, 1995.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* (R. Silveira, Trad.). **Salvador, BA: EDUFBA**, 2008.
- GAO, Zhipeng. Sinophobia during the Covid-19 pandemic: Identity, belonging, and international politics. **Integrative Psychological and Behavioral Science**, v. 56, n. 2, p. 472-490, 2022.
- HALL, S. The West and the Rest: Discourse and power. In: HALL, Stuart; HELD, David; HUBERT, Don; THOMPSON, Kenneth (Orgs.). **Modernity: An Introduction to Modern Societies**. Oxford: Blackwell Publishers, 1996, pp. 184-227.
- HIGGOTT, Richard; REICH, Simon. The age of fuzzy bifurcation: Lessons from the pandemic and the Ukraine War. **Global Policy**, 2022.
- HOLBROOK, Colin; FESSLER, Daniel MT; NAVARRETE, Carlos David. Looming large in others' eyes: Racial stereotypes illuminate dual adaptations for representing threat versus prestige as physical size. **Evolution and Human Behavior**, v. 37, n. 1, p. 67-78, 2016.
- HUSAIN, Altaf. Islamophobia. In: **Encyclopedia of Social Work**. 2015.
- IKENBERRY, G. John. The illusion of geopolitics: The enduring power of the liberal order. **Foreign Affairs**, v. 93, p. 80, 2014.
- JANSEN, Robert S. Populist mobilization: A new theoretical approach to populism. **Sociological theory**, v. 29, n. 2, p. 75-96, 2011.
- KOIVUMAEKI, Riitta-Ilona. Business, economic experts, and conservative party building in Latin America: The case of El Salvador. **Journal of Politics in Latin America**, v. 2, n. 1, p. 79-106, 2010.
- KUPCHAN, Charles. **No one's world: The West, the rising rest, and the coming global turn**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2012.
- LOXTON, James Ivor. **Authoritarian inheritance and conservative party-building in Latin America**. 2014. Tese de Doutorado. Harvard University.
- LUNA, Juan Pablo; KALTWASSER, Cristóbal Rovira (Ed.). **The resilience of the Latin American right**. JHU Press, 2014.
- MEISER, Jeffrey W. Liberalism. In: S. McGlinchey, R. Walters & C. Scheinpflug (orgs.) **International Relations Theory**, Bristol: E-International Relations, 2017.
- MESSINA, Marcello; DI SOMMA, Teresa. Ocidente. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf (Orgs.). **Uwa'kürü - dicionário analítico: volume 2**, Nepan Editora, pp. 272-286, 2017.
- MIGNEMI, Giuseppe. **La questione siciliana: Alla luce delle violazioni al Trattato di Pace con l'Italia, alla Costituzione Italiana, allo Statuto della Regione Siciliana**. Catania: Unione Siciliana, 1980.
- MIGNOLO, Walter D. Epistemic disobedience, independent thought and decolonial freedom. **Theory, culture & society**, v. 26, n. 7-8, p. 159-181, 2009.
- MILHORANCE, Carolina. Policy dismantling and democratic regression in Brazil under Bolsonaro: Coalition politics, ideas, and underlying discourses. **Review of Policy Research**, 2022.
- NAIR, Sheila. Postcolonialism. In: S. McGlinchey, R. Walters & C. Scheinpflug (orgs.) **International Relations Theory**, Bristol: E-International Relations, 2017.
- PIMENTEL, Pedro Chapaval; PANKE, Luciana. Dilma Rousseff na Assembleia Geral das Nações Unidas: Análise dos Discursos de 2011 e 2015. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. 2016.
- PUGLIESE, Joseph. Geocorpographies of torture. **ACRAWSA E-journal**, v. 3, n. 1, 2007.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (coord.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- ROUSSEFF, Dilma. **Speech on the occasion of the General Debate of the 69th General Assembly of the United Nations**. Nova Iorque, September 24th, 2014.
- SAID, Edward. **Orientalismo**, São Paulo: Companhia das Letras. 1990.
- SANAHUJA, José Antonio. Post-liberal regionalism in South America: the case of UNASUR. **RSCAS Working Papers No. 2012/05**, European University Institute, Florença, 2012.
- SAUNDERS, Robert A.; STRUKOV, Vlad. **Popular Geopolitics**. Oxon; New York: Routledge, 2018.
- TOLSTÓI, Liev. **Anna Kariênina**. Trad. FIGUEIREDO, Rubens. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- WELLS, Audrey. Russophobia: The Ukraine Conflict, the Skripal Affair. In: WELLS, AUDREY. **The Importance of Forgiveness and the Futility of Revenge**. Springer, Cham, 2022. p. 55-64.

- WILLIAMSON, John. A short history of the Washington Consensus. **Law & Business Review of the Americas**, v. 15, n. 1, p. 7-23, 2009.
- WODAK, Ruth. [ВОДАК, Рут]. Kritičeskaja lingvistika i kritičeskij analiz diskursa. [Критическая лингвистика и критический анализ дискурса]. **Političeskaja lingvistika** [Политическая лингвистика], v. 4, n. 38, p. 286, 2011.
- ZHANG, Yunpeng; XU, Fang. Ignorance, orientalism and sinophobia in knowledge production on COVID-19. **Tijdschrift voor economische en sociale geografie**, v. 111, n. 3, p. 211-223, 2020.
- ZUCATTO, Giovana Esther. A ascensão da direita na América do Sul. **Boletim OPSA**, n. 1, p. 6-14, 2019.